

MÓIN-MÓIN

REVISTA DE ESTUDOS SOBRE TEATRO DE FORMAS ANIMADAS:
O PALCO DA CELEBRAÇÃO: RITUAIS, FESTIVIDADES E COMUNIDADE
Florianópolis, v. 2, n.32, p. 87-105, dez. 2025
E - ISSN: 2595.0347

Bumba Meu Boi: como e quando o ritual se manifesta

Liliana Pérez Recio

Universidade Federal do Maranhão – UFMA (São Luíz, Brasil)

Tácito Freire Borralho

Universidade Federal do Maranhão – UFMA (São Luíz, Brasil)



Figura 1 – Boi de Matinha. Foto: Liliana Perez.

DOI: <https://doi.org/10.5965/2595034702322025087>

Bumba Meu Boi: como e quando o ritual se manifesta¹

Liliana Pérez Recio² e Tácito Freire Borralho³

Resumo: Este trabalho analisa as diversas dimensões ritualísticas das práticas culturais maranhenses do Bumba meu Boi, reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO. O estudo distingue as diversas instâncias rituais que compõem o ciclo anual do Boi, desde o período junino até sua "morte" e encerramento em agosto. A pesquisa mostra que as ritualizações do Boi extrapolam as relações estritamente religiosas, manifestando complexos sincretismos e negociações socioculturais em diálogo com o tempo presente. Para analisar criticamente os processos de continuidade e transmissão dessas práticas, o referencial de Taylor (2003) sobre arquivo e repertório é retomado, fundamentado em experiências de observação participante.

Palavras-chave: Bumba Meu Boi. Comunidade. Maranhão. Ritual. Transmissão.

Bumba Meu Boi: how and When the Ritual Manifests

Abstract: This work analyzes the diverse ritualistic dimensions of the *Bumba Meu Boi* cultural practices from Maranhão, recognized as Intangible Cultural Heritage of Humanity by UNESCO. The study distinguishes the various ritual instances that compose the Boi's annual cycle, from the *Festa Junina* period until its "death" and closing in August. The research demonstrates that the ritualization of the Boi extrapolate strictly religious relations, manifesting complex syncretism and sociocultural negotiations in dialogue with the present time. To critically analyze the processes of continuity and transmission of these practices, the framework of Taylor (2003) regarding archive and repertoire is revisited, grounded in experiences of participant observation.

Keywords: Bumba Meu Boi. Community. Maranhão. Ritual. Transmission.

¹ Data de submissão do artigo: 19/12/2025 | Data de aprovação do artigo: 31/12/2025.

² Professora do Departamento de Artes Cênicas-DEARTC/CCH da Universidade Federal do Maranhão / UFMA. Doutora pelo Programa de Pós-graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (2022), Bacharel em Teatro pelo Instituto Superior de Arte (2000) de Havana, Cuba. Diretora e atriz, integrou o elenco do *Teatro Nacional de Guiñol* durante nove anos. Fundou *El Arca Teatro Museo de Títeres* (2010) em Havana. E-mail: bastianybastiane@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3768-9599>

³ Doutor em Artes (USP) e referência no teatro brasileiro. Fundador de instituições fundamentais como o Laborarte, a COTEATRO e o CACEM, em São Luiz do Maranhão. Sua trajetória une gestão, docência e criação. Presidiu entidades como a ABTB – Associação Brasileira de Teatro de Bonecos e a Confederação Nacional de Teatro Amador, sendo agraciado com o prestigiado Prêmio Mambembe e o Prêmio Artur Azevedo. Atualmente, é Professor Associado da UFMA, atuando na graduação e em programas de mestrado. Pesquisador do CNPq, coordena o projeto “A Máscara na Cultura Popular”, consolidando décadas de investigação sobre formas animadas e resistência cultural com projeção internacional em festivais e colóquios. E-mail: tf.borralho@uol.com.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9202-5971>

O Bumba meu Boi é um brinquedo de roda. E segundo a sabedoria popular é bom observar que a “Roda Grande passa por dentro da Roda Menor. A Roda Grande é Terra, a Roda Menor é o Céu.”⁴ O Bumba meu Boi só brinca em roda como se observa na figura 1. Quando uma turma deixa de “bairar” na roda, os brincantes mudam de figura, se arrastam em linhas e viram um puro espetáculo de apresentação de coreografias e vestuário. Por isso, mesmo em palco ou nos tablados de Arraiais, os conjuntos tradicionais se apresentam mantendo a execução de seus passos de dança, em círculo.



Figura 2 - Boi da Liberdade, 2023. Foto: Márcio Vasconcelos.

Ao se referir à circularidade como dispositivo das práticas encarnadas, na agudeza de Antônio (Nego) Bispo se trata de uma atitude contra colonial⁵. O que para a transmissão de saberes dos brincantes se torna central se observamos segundo Bispo (2015, p.42) que

⁴ Verso de doutrina de Terecô do terreiro Camafeu de Oxóssi, de São Luís do Maranhão.

⁵ Segundo o qual, aqueles grupos quilombolas, mantidos à margem da sociedade brasileira, não precisariam se decolonizar, já que não foram assimilados, mas, sim contrariar o colonialismo persistente.

As manifestações culturais dos povos afro-pindorâmicos pagãos politeístas são organizadas geralmente em estruturas circulares com participantes de ambos os sexos, de diversas faixas etárias e número ilimitado de participantes. As atividades são organizadas por fundamentos e princípios filosóficos comunitários que são verdadeiros ensinamentos de vida. (...) As pessoas que assistem, ao invés de torcerem, podem participar das mais diversas maneiras e no final a manifestação é a grande vencedora, porque se desenvolveu de forma integrada, do individual para o coletivo (onde as ações e atividades desenvolvidas por cada pessoa são uma expressão das tradições de vida e de sabedoria da comunidade).

A propósito dessas participações dos indivíduos das práticas comunitárias, na perspectiva de Taylor (2013), no tocante aos procedimentos de transmissão de saberes, a *expressão incorporada* deve continuar participando da transmissão do conhecimento social e explica os modos pelos quais se produz o traspasso:

As performances também replicam a si mesmas por meio de suas próprias estruturas e códigos. Isso significa que o repertório, como o arquivo, é mediado. O processo de seleção, memorização ou internalização e, finalmente, de transmissão acontece no interior de sistemas específicos de reapresentação (e, por sua vez, auxilia a constituir-los). Formas múltiplas de atos incorporados estão sempre presentes, embora em estado constante de "agoridade". Eles se reconstituem - transmitindo memórias, histórias e valores comuns de um grupo/geração para outro. Os atos incorporados e performatizados geram, gravam e transmitem conhecimento. (Taylor, 2013, p.51)

De tal forma que, as observações que compartilhamos na sequência levaram em consideração o pressuposto de Diana Taylor (2013, p.27), quando aponta que: "As performances funcionam como atos de transferência vitais, transmitindo o conhecimento, a memória e um sentido de identidade social por meio do que Richard Schechner denomina 'comportamento reiterado'". Com tudo, a autora nos apresenta uma dicotomia das formas dos saberes imposta pela colonialidade, segundo a qual encontramos: "o arquivo de materiais supostamente duradouros (isto é, textos, documentos, edifícios, ossos) e o repertório, visto como efêmero, de práticas/conhecimentos incorporados [isto é, língua falada, dança, esportes, *ritual*]" (Taylor, 2013, p.48).

Aspectos da religiosidade no Bumba meu Boi do Maranhão

Quando um conjunto de Bumba meu Boi é iniciado, mesmo atualmente, em São Luís ou no interior do Estado do Maranhão, deve haver de pronto, uma definição de que está sendo preparado com interesses espetaculares e comerciais, ou puramente para pagamento de promessa.

É importante dizer que há dois tipos de comportamentos quanto ao relacionamento ritualístico com a religiosidade popular: um, com relação a atividades do catolicismo popular, que são as promessas, votos diretos a São João, a São Pedro, a São Marçal. Essas promessas são cumpridas no dia devotado a esses Santos. No caso de São João, visitando a igreja de São João Batista, no centro histórico de São Luís. Quando a promessa é feita a São Pedro, o Boi tem que ir necessariamente à Capela de São Pedro, da véspera para o dia do Santo. Quando é feita a São Marçal, geralmente quem faz esse tipo de promessa são os conjuntos ou batalhões de Bois de Matraca ou Pandeirões⁶. Eles pagam essa promessa no dia de São Marçal, participando do cortejo da Avenida São Marçal, no bairro João Paulo, em São Luís.

Mas há outro tipo de religiosidade muito séria e muito presente, principalmente em São Luís, que é praticada pelas religiões de matrizes africanas, dos terreiros de Mina ou das tendas de Umbanda, onde são celebradas as brincadeiras de Bois votados aos Voduns. São os Bois de Santo, principalmente da família de Léguas Bogi Buá, onde se cumprem os rituais de batismo, brincadas e morte do Boi, com Mourão e tudo.

De tal forma que observamos como o sincretismo permanece na estrutura do folguedo. Muitos conjuntos têm até orixás como patronos da brincadeira, além de São João. É o caso do boi de Santa Fé, que tem por padroeira a Iemanjá.

Vejamos ao menos um exemplo dos antecedentes africanos onde o boi se constitui centro das práticas rituais. Segundo os trabalhos do pesquisador baiano Edison de Souza Carneiro (1912-1972), ao descrever um ritual

⁶ Tinideiras, nome tradicionalmente dado aos pandeirões dos bois-da-ilha.

específico de culto ao boi entre os angolanos (povo Bantu), se comprova a relevância cultural desse grupo na formação dos folguedos brasileiros.

Este [fato do boi ser importante no folclore brasileiro] talvez derive de influências totêmicas bantos, que se enfraqueceram por aqui, mas das quais ficaram vestígios. De fato, o totem do boi, muito vivo entre os bantos, sobreviveu no Brasil. Assim é que, em Mossâmedes, Angola, no culto agrário do On-dye Lwa, Álvaro de Carvalho descreve 'ao boi Geroa, boi malhado (preto e branco) que significa a paz e a abundância da terra e que passeia em triunfo pelas ruas da aldeia, nos meses de julho e agosto, que são para eles o fim do ano por ser o fim das colheitas.' Há, também, a festa do boi, com sacrifícios de boi, no Bailundo e outras tribos bantos de Angola. É, ainda, no Norte, que se encontra o totem do boi, no Candomblé do Engenho Velho, no Ilê Axé Iyá Nassô. (Carneiro, 1981, p. 225)

Fato este que precisa ser observado no cruzamento das práticas rituais. É bom não esquecer que o boi animal já participou muito na liturgia católica também, principalmente à guisa de evangelização.

Tal como descrito por Getulio Silva do Nascimento (2025) em recente dissertação, a Festa do Boi de São Marcos, celebrada a 25 de abril em Évora, Portugal, e nas suas áreas rurais adjacentes, constitui um notável sincretismo entre o cristianismo e as raízes agrárias da Antiguidade. O ponto central do ritual cristão reside na condução de um boi (o "Boi de São Marcos") até locais sagrados para que, após a bênção, ele atue como protetor do gado e das colheitas. Esta prática coincide precisamente com a data da antiga Rubigalia romana, um festival pagão dedicado a apaziguar o deus Rubigus para defender o plantio de trigo. A súplica era crucial, pois o rubigo — a temida ferrugem do trigo — é uma doença fúngica destrutiva que ataca as plantações. Enquanto o rito romano exigia o sacrifício de um cão ruivo e de uma ovelha para afastar a praga, a tradição portuguesa substituiu o sacrifício pela bênção do boi, mantendo viva a função essencial de proteção da vida rural.

Outros exemplos em que práticas pagãs associadas ao boi foram resinificadas pela igreja católica, os encontramos descritos por Cascudo (1962, p.141)

(...) figurar nos préstitos, engalanado, festejado, divinizado, e uma sobrevivência é a sua participação material em cerimônias religiosas da igreja católica, com intervenção sacerdotal, o Boi de São Marcos (25 de abril), levado aos templos, assistindo a missas perto de altar-

mor acompanhado pelos fiéis numa devoção indiscutível (...) nas festas de Corpus Christi, como comparecia na mesma data em Marselha e em Aix (França) e na procissão de São Zopito em Loreto, Aprutino (Itália) nas comemorações de pentecostes, até poucos anos.

Por sua vez, na Península Ibérica, segundo Carlos Francisco Moura (2000, p.45), no Natal e nos dias de Reis, nos Reisados e nos Autos Pastorais, a presença do boi na lapinha era essencial. E mesmo se brincava já em forma em folguedo, não com boi animal, mas com boi de brinquedo. E vieram com as naus portuguesas, as tourinhas, um jogo de pura contenda, imitação xistosa das touradas.

Notícias de uma possível História

Curioso é que os primeiros bois e cavalos aportados no Brasil, datam de 1530. E a descrição do folguedo com o nome de Bumba meu Boi, começa a ser registrada em jornais de São Luís, a partir de 1820, em forma de cortejo. Em 1840, é apresentado em relatos de Pernambuco, pelo padre Lopes Gama, em O Carapuceiro, como fragmentos de auto. Em 1859, no Amazonas, é descrito em formato de cortejo.

Acredita-se que a expansão do folguedo como vinha sendo brincado no Nordeste, deu-se rumo à Região Norte a partir do Ciclo do Gado, em 1701. Anotações importantes sobre o folguedo encontram-se em publicação da Revista Pernambucana de Folclore, de 1976 com o registro do depoimento do Padre/ Carapuceiro, publicado por Waldemar Valente. Também nas descrições de Mário de Andrade em 1958, de Câmara Cascudo em 1962 e de Altimar Pimentel em 2004.

Tem-se então o folguedo brincado no Nordeste, como Bumba meu Boi, e também aparecendo no Cavalo Marinho, em Pernambuco; como Reisado ou Reiado, no Rio Grande do Norte, na Paraíba, no Ceará e no Piauí. No Norte, se encontra como Boi Bumbá, no Amazonas e em alguns municípios do Pará, e no Meio Norte, como Caretas e Reisado, no Maranhão e Piauí; e Bumba meu Boi, no Maranhão.

Estruturas do folguedo

No Maranhão, atualmente, conhecemos cinco sotaques e diversas manifestações de turmas, grupos ou conjuntos de “sotaques não definidos”, especialmente no interior do estado. Além disso, existem os grupos de espetáculo (o que se tornaram realmente hoje em dia os conjuntos do Sotaque de Orquestra). Hoje, entre aqueles que mais se comportam como grupos tradicionais, incluem-se os batalhões de bois do Sotaque de Matraca ou Boi da Ilha, de São Luís: as turmas dos bois de Sotaque da Baixada, de São Luís; os conjuntos de Bois de Zabumba e os grupos do Sotaque de Pandeiros de Costas de Mão. Existem também aqueles conjuntos de Companhias de Dança que se formaram como para-folclóricos, e entre estes, apenas um leva um nome de “boizinho”, o Boizinho Barrica. Os outros têm nomes especiais.

O que pode ser considerado como ritual no bumba meu boi, especialmente no Maranhão?

Observar o folguedo como um ritual de calendário agrícola, cíclico, “que todo ano tem”, como a colheita, nos faculta para pensar sua ancestralidade nas práticas da religiosidade de povos que cultuavam o boi em ritos agrários de fecundidade, num caráter totêmico, isto é “a celebração do animal incorporado ao homem” (Borralho, 2012, p.206).

Os rituais são sempre o encontro entre anfitriões e convidados e neles pode estar incorporada a prática de um canibalismo real ou simbólico, como quando o porco, animal que se matou e distribuiu a carne entre os convivas, simboliza o homem que brincou imitando um porco, devidamente caracterizado de porco, representando um porco. Essa vítima passa a ser a oferenda em sacrifício, que se dá em troca de um voto alcançado; por exemplo, de uma colheita farta etc. Pode-se perceber aí também, de forma implícita, o caráter de ludicidade que extrapolou esses rituais miscigenando à licença de brincar com o sagrado.

A celebração passa a abarcar os dois caracteres, a representação do Divino e a relação de aproximação do plano material. O que deriva uma

distancia íntima, na qual é possível brincar sem cerimônia com aquele animal simbólico. Distanciado do ritual religioso original, tornando-se de total domínio do público, mesmo sem perder sua estrutura de voto, como algo sagrado que se profana, o folguedo se populariza, se multiplica, se expande, mas mantém suas estruturas abstratas. Permanece seu caráter messiânico, implicando a ideia de ressurreição, que provoca uma conexão entre passado e futuro e organiza o tempo social.

No aspecto costumeiro das brincadas de conjuntos tradicionais, estes de qualquer sotaque que preservam realmente a tradição, tem se esmerado por cumpri-la e ao mesmo tempo adaptar-se aos apelos comerciais do turismo, adequando as brincadas, para apresentações de espetáculos de até 30 a 40 minutos em Arraiais. Esses conjuntos mantêm as Meias-Luas (Visitas a casas de família); brincadas de terreiro (onde geralmente realizam as matanças ou comédias⁷).

Os ritos mantidos

O *Batizado*: Os grupos tradicionais de sotaques de Matraca ou Boi da ilha, os Grupos de Zabumba, as Turmas da Baixada sediadas em São Luís e os conjuntos de Pandeiros de Costa de Mão, embora brincando em qualquer tempo ou lugar, fora do período junino, ou quando o antecede, realizam o batizado dia 23 de junho, véspera de São João. Somente alguns Bois de Orquestra, mesmo mantendo a tradição de batizar a brincadeira, raramente o fazem na data tradicional, antecipando às vezes.

PRINCIPAIS RITUAIS DO BATIZADO

⁷ As comédias são uma forma que em quase a totalidade dos conjuntos denomina a encenação, momento em que se representa o sumiço do boi até sua “ressurreição” em cena, o que chamam de matança – em alguns conjuntos chamam também de “matança de terreiro”.

LADAINHA	O batizado representa a deposição da prenda, do objeto da promessa, da oferenda, o Boi, para São João. Seu benzimento de oferta e agradecimento pela graça alcançada etc.
BATISMO	O batismo ⁸ se dá conforme a tradição da religiosidade popular: Padrinhos com velas acesas e celebrantes da Ladainha; após esta, aspergindo água benta com um raminho de mato verde, geralmente de “vassourinha”, e repetindo os dizeres, “eu te batizo. (diz o nome do boi), com toda a tua formosura, só não te dou os santos óleos, porque não és criatura”.
O “SUJA A BARRA”	Primeira brincadeira: significa que vai sujar a barra do boi pela primeira vez. Momento em que o Batalhão vai com o boi até a primeira capela ou igreja que encontrar e em frente dela faz como uma “Meia-Lua” de devoção.

Quando se celebra a matança de terreiro?

Os grupos tradicionais dos sotaques que ainda costumam realizar as comédias com toda a teatralidade do folguedo apresentam o roubo, a morte e a ressurreição do boi. Trata-se de um momento de encantamento e magia, seguindo o roteiro da brincadeira: Guarnecer; Boa noite ou chegada; Licença; Abertura da roda; Comédia; O Urrou do Boi e a Despedida. Nos Arraiais as apresentações são como *visitas de meia-lua*⁹, não há tempo para acontecer isso.

O que motiva esse formato nos Arraiais é a precariedade de tempo para apresentação da brincadeira e como consequência temos um espetáculo filtrado que resulta em apresentação de toadas, passos coreográficos, exibição de trajes e uma amostra dos elementos animados e os demais personagens que compõem o folguedo. Há assim uma natural descaracterização da brincadeira.

⁸ Embora com a intromissão de alguns sacerdotes da igreja - e aqui se registra um dado de modernização que tem se multiplicado lentamente.

⁹ As “visitas de meia lua” consistem em brincadeiras realizadas em casa de família ou entidades, a convite de proprietários, ou por simples ato de homenageá-los. Geralmente não implica em recebimento de pagamento em dinheiro, mas sempre são ofertados lanche e bebida alcoólica além de mingau de milho. Essas visitas são breves e constam em geral dos cantos de um guarnecer, um lá vai, um boa noite, uma toada de cordão e uma despedida.

Quando se celebra a morte do boi?

É o ritual de encerramento tradicional da brincadeira. Isso representou no passado o final da temporada das brincadas. Durante praticamente uma semana celebrando a morte do boi, hoje em dia pode ser realizada, de acordo com o conjunto e sotaque, de duas formas, como explicado no quadro a seguir.

Matança de Levantar	Matança de Esbandalhar
A madrinha do Boi o desamarra do Mourão e o liberta, e o miolo do boi sai correndo e vai esconder o boneco-boi em um lugar que ninguém poderá encontra-lo. E a população, representada pela assistência, bebe o vinho de celebração.	Acontece quando o boi, amarrado ao Mourão é ferido no pescoço e finge sangrar o vinho sacrificial que é distribuído para toda a assistência solenemente. A alegria é retomada quando é retirado o couro do boi e a carcaça é retalhada e dividida, apregoada em versos ou cantada em loas. Atualmente é mais visto esse ritual em conjuntos do interior do estado.

O que compõe o ritual da matança na morte do boi?

A morte do boi, tradicionalmente se dá a partir do dia de Santana, 26 de julho. No início do período da morte, o Mourão¹⁰ é transportado pelas ruas, uma semana ou alguns dias antes, em um cortejo dos brincantes trajados e a batucada do folguedo, até o terreiro, em frente à sede, onde é fincado. A partir desse dia, o folguedo é brincado sem o boi, procurando-o por todos os possíveis locais onde possa estar escondido, até encontra-lo.

Ao encontrar, a madrinha do boi o recobre com um manto ritual todo bordado de pastilhas coloridas e enfeita seus chifres com ramos de mato, representando o lugar da floresta onde estava escondido, amarrando aos chavelhos longas fitas de seda. O Boi é transportado dançando triste pelas

¹⁰ O Mourão é um grande tronco de árvore esgalhado, todo enfeitado de papel brilhoso e com brinquedos ou outros brindes dependurados e é financiado por uma madrinha ou padrinho, geralmente residente em um bairro distante da sede (do curral) do Boi. O Mastro é decorado com lembrancinhas dependuradas, as quais são distribuídas para a assistência, quando quebrados os galhos do Mourão, após a morte do boi.

ruas até se aproximar do lugar do Mourão, quando se solta e corre loucamente. O vaqueiro, portando corda e laço corre atrás e em alguns momentos, laça o Boi que se desprende, e essa luta dura um bom tempo para prazer e desespero da assistência que formou um grande círculo em volta do Mourão.

Quando é dominado, o Boi é amarrado ao Mourão e o celebrante, que pode ser o pai Francisco ou um vaqueiro, é quem executa o ritual: o sangramento do Boi. O miolo vai derramando o vinho dos garrafões em uma bacia grande e o vinho/ sangue é distribuído e bebido pelos presentes, na assistência. Enquanto esse vinho/sangue é compartilhado, é retirado o couro ritual e as pastilhas (ou bombons) são atiradas ao público e o couro da promessa do ano, o couro bordado de brilhos, também é retirado e a carcaça, a armação do boneco-boi é desmantelada. Durante esse momento é citado para quem vão às partes cortadas da carcaça. A cabeça e o rabo são mantidos inteiros.



Figura 3 - Exemplo do sangramento do Boi. Foto: Tácito Borralho.

Após tudo isso, nesse mesmo dia ou no dia seguinte, o Mourão é derrubado e as lembranças distribuídas. De acordo com o conjunto e o sotaque, o Mourão pode ser derrubado em outro dia, enquanto acontece também a comilança: grande banquete distribuído aos brincantes, que

compreende um almoço e um jantar, preparados com a carne do boi animal que foi morto ritualmente e é a oferenda viva em cumprimento da promessa do ano. Parte dessa carne é distribuída em pedaços para a comunidade residente no entorno da sede da brincadeira e entre os participantes mais assíduos.

A morte do boi animal segue um ritual privado que inclui rezas e toadas e às vezes se confunde com Ritos sincréticos da religiosidade popular, nos seus aspectos mais primitivos, evocando as ancestralidades africanas e/ou indígenas.

Manifestações ritualísticas

Fazendo um relato encontramos manifestações ritualísticas em torno as celebrações do *Bumba meu Boi* no Maranhão compondo de forma constitutiva a brincadeira, ou como epifenômenos. Dentre elas:

- A encomendação de promessas de pagamentos com matanças de esbandalhar (Morte no Mourão),
- Deposição em canoas lançadas a um rio (recomendação do boneco-boi para o destino do Santo),
- Reza de ladainhas, com prato de velas sobre a cabeça,
- Bois de Santo são obrigações de terreiros de Mina ou de tendas de Umbanda. Fazem parte do sincretismo.

Outras celebrações no interior, geralmente na Baixada ostentam o *Bois de fogo* e os *Bois de Cazumba* que contêm Brincadeira de “urubus” comedores da carcaça do boi morto no ritual. Também se realizam *Homenagens de Finados*, se trata da brincadeira do Boi deitado sobre a cova de um brincante, em um cemitério da comunidade. E por último se escutam notícias sobre cremação do Boi que brincou, para cumprir a promessa.

Fenômenos atuais mais tradicionais

Outra atenção merecem atividades que se constituíram como tradição com adesão massiva no tempo presente, enfatizando o encontro como

resultado principal da estrutura ritual. Dentre elas destaca o Festejo de São Pedro que inclui prestar homenagem, pagar a promessa e acompanhar a procissão marítima do Santo. No fim da semana junina, lhe sucede o *Encontro dos Bois de Matraca da ilha* para Celebrar e festejar São Marçal, no bairro do João Paulo, em São Luís. No interior se destaca pela articulação social e cultural, com várias décadas de constância, o *Encontro dos Bois de Matraca da Baixada* - em Matinha, MA, todo dia 26 de junho, há 58 anos. No menos importante, é mantido o *Encontro dos Bois de Zabumba* - no tronco da Barrigudeira, no bairro do Monte Castelo, São Luís.

Como fenômenos mais recentes merece atenção a realização do *Boi de Cinzas* iniciado na Madre Deus, São Luís há mais de 20 anos. Trata-se de uma convocação espontânea, que sem mediação das autoridades locais, produz um desfile de Boi com pandeirões de Boi de Matraca, da Ilha, na quarta-feira de cinzas depois do Carnaval.

Estas assimilações ou negociações mais recentes mostram os processos de dilatação, empréstimos, contração e retornos que oxigenam a continuidade da brincadeira. As quais podem ser exemplificadas no plano das produções de materialidades para a visualidade do folguedo. Para falar de atualizações de trajes e adereços, tomamos como exemplo os processos sofridos pelos chapéus do Boi de Axixá. Constatamos o retorno dos chapéus tradicionais dos músicos e amos, em contraste com um período, no muito distante, em que foi introduzido ali sombreros mexicanos e em 2025, retornaram os Chapéus de Copa, totalmente bordados em armação de arame fino, em modelo “igreja”.

Outro exemplo de evolução por assimilação de novas visualidades é o caso do Boi de Santa Fé, sotaque da baixada, de São Luís, que utiliza iluminação com LED nas Torres dos Cazumbas. Em 2025, com a justificativa de contribuir com a preservação da natureza, o Boi de Santa Fé apresentou um Mourão estilizado, de cano de PVC, enfeitado com balões e bombons de chocolate e lâmpadas de LED. Mas não pôde livrar-se da deposição da imagem de São João e da vela acesa, aos pés do Mourão, onde o boi é

amarrado e libertado pela madrinha. Ali, tradicionalmente naquele conjunto, e ao que parece, apenas nele, o boi não costuma ser morto, e sim libertado.



Figura 4 - Aos pés do morão detalhe do boi e do santinho no momento da morte e o perdão.
Foto: Tácito Borralho

No entanto, com o desmatamento e o avanço da urbanização, observa-se a redução das áreas de mata e a substituição dos materiais vegetais por mercadorias compradas em lojas de ferragem para a construção do corpo dos bois. Isto nos leva a pensar na iminência do esquecimento do que temos chamado de uma “botânica do boi” e da perda das espécies no entorno da

capital do Estado. Ao interrogar aos miolos e construtores sobre a escolha dos materiais estes alegam que as plantas não se encontram mais, que daria trabalho conseguir e que as peças de plástico e arame estão disponíveis. Com base nesses depoimentos recuperamos que, para montar a carcaça -ou capoeira como é chamado em alguns sotaques o esqueleto do boneco/boi- seriam colhidos no mato, seguindo ritual apropriado para não estragar a madeira, vergôntes de “canela de veado”, ou pedaços de taboca, de junco ou outro tipo de taboca de beira de rio. Assim também, faz parte da “botânica do boi” o uso de talas de madeira da palmeira de Buriti na criação dos “músculos” que dão lugar às curvas do corpo do boi. E para os benzimentos, as touceirinhas de “vassourinha” (pequeno matinho, que cresce nos quintais de São Luís e em todo o Maranhão).

Hurrar ou o *continuum* das rodas

Falemos do papel regulador e aglutinador na comunidade ao longo do ano. Os conjuntos de Bumba meu Boi têm sua localização. Mas isto não impede que entre eles, os brincantes, não haja trânsito de alguém que reside em alguma parte da cidade ou de outro município do interior do estado e que durante o período junino se transfira para o lugar onde o boi que ele frequenta, o conjunto ao qual ele pertence, ensaia e se prepara para as brincadas.

Normalmente, a gente pode entender que cada brincante tem, naturalmente, um trabalho específico ou um emprego com carteira ou não assinada, mas ele desempenha um papel social em função da subsistência. Já as brincantes, em geral, são mulheres que se ocupam como donas de casa apenas, outras que são técnicas de enfermagem ou que são lavadeiras-passadeiras, funcionárias públicas ou que são empregadas domésticas. Elas são mulheres que têm uma atividade de remuneração e de repente, nesse período, elas se distanciam disso e, na verdade, hoje é impossível dizer que elas se dediquem unicamente no período junino a esse tipo de atividade: ser brincante. Elas vão ao trabalho e quando podem, já pedem licença e vão para onde as apresentações do folguedo são necessárias. Mas, existem momentos

em que a comunidade, onde está sediada uma determinada brincadeira, requisita todos os brincantes, por exemplo, para a realização dos ritos necessários como ensaios, batizado, brincadas específicas de terreiro bem longas e que amanhecem, então essas pessoas são realmente requisitadas para esse tipo de coisa.

O folguedo, ele realmente é muito forte na vida dessas pessoas. Falávamos de mulheres, mas acontece a mesma coisa com os homens. Eles também têm esse tipo de compromisso com a brincadeira. Porém, tem um compromisso também de sobreviver... Mas, em algum momento a comunidade o conclama e ele está lá presente, e ele falta às obrigações civis. Isso é normal. É isso que eu chamo de estado de suspensão. Ele se permite dar uma mudança de tipo de ação, de atitude, e encarna, vamos dizer assim, ele assume um papel que ele chama de posto e que vai realmente viver em função disso por alguns determinados momentos ou períodos até longos, durante o ano inteiro. Isso ocorre atualmente, sim, por que em São Luís, os conjuntos são chamados para apresentações. E isso aí são apenas espetáculos, mas para que eles aconteçam, é necessário que os brincantes estejam presentes. Então nunca está a maioria. Geralmente não são os brincantes promesseiros, aqueles que fazem voto de participar da brincada, mas são aqueles que, até por conta de receber um pagamento mínimo que seja, estarão lá. Para ajudar a manter a brincadeira.

Falemos de continuidade. Não há nenhuma expectativa, pelo menos tão próxima de um esfacelamento da brincadeira do Bumba meu Boi. Por mais que alguns conjuntos novos surjam e desapareçam muito meteoricamente, esses conjuntos não têm realmente um compromisso ritualístico. Não tem compromisso nem de fé, nem de acreditar que o boi é algo. Um algo profano, mas que serve ao sagrado. Tais conjuntos não fazem essa é distinção.

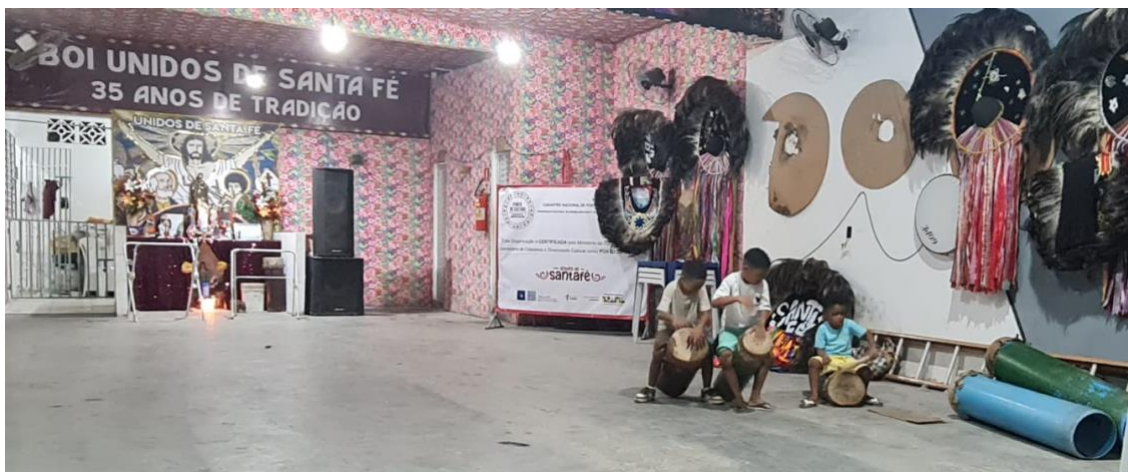


Figura 5 - Quando o batalhão já está na rua, as crianças brincam.
Boi de Santa Fé, 2025. Foto: Liliana Perez.

As turmas tradicionais permanecem mesmo depois do falecimento dos principais amos¹¹. Atualmente, são as mulheres desses amos ou as filhas ou netas desses amos que estão assumindo a responsabilidade familiar de dar continuidade. Quando o conjunto tem realmente o seu surgimento no ambiente de família e de promessa e de voto a São João ou a São Pedro ou a qualquer outro Santo, essa família tende a dar continuidade.

Ao mesmo tempo, se especula sobre o brincante ser um ser que é alegre porque ele é devoto, porque ele é um folgazão, porque ele é um ator histriônico, ou porque ele é um folião na brincadeira: Não. O brincante é alegre em sua devoção, no momento em que ele evoca seu compromisso com o Divino. Ele não é triste, ele é alegre, mesmo que ele não esteja em um trânsito espiritual durante a brincadeira. Falamos de trânsito em vez de transe porque realmente não é necessariamente um transe, mas existe o buscar acontecer e fazer realizar a festa, o festejar, o bailar, etc. E isso é muito importante. Isso realmente implica em comunicar uma alegria que é vivenciada pela experiência daquele que brinca, daquele que tem fé ou que não tem fé e é apenas brincante, mas está realizando um compromisso com o seu corpo, com o seu espírito, com sua psiquê, vamos dizer assim, e com sua comunidade.

¹¹ Costuma ser o dono do boi, o cantador principal.

Referências

- BORRALHO, Tácito Freire. **O Teatro do Boi do Maranhão** – brincadeira, ritual, enredos, gestos e movimentos. 2012. 227 f. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Departamento de Artes Cênicas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- BISPO, Antônio. COLONIZAÇÃO, QUILOMBOS: modos e significados. Brasília: INCTI, 2015.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro-MEC, 1962.
- CARNEIRO, Edison. **Religiões negras**: notas de etnografia religiosa; Negros bantos: notas de etnografia religiosa e de folclore. 2. ed. Rio de Janeiro; Brasília: Civilização Brasileira, 1981.
- MOURA, Carlos Francisco. **Teatro a bordo das naus portuguesas sec. XV a XVIII**. Rio de Janeiro: Instituto Luso-Brasileiro de História, Liceu Literário Português, 2000, 2.^a
- NASCIMENTO, Getulio Silva do. **A Farra do Boi Bumbá**: um brinquedo popular na formação múltipla d'um artista-brincador d'Os Ciclomáticos Companhia de Teatro-RJ. 2025. 188 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.
- TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**. Performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7933896/mod_resource/content/1/TAYLOR%2C%20Diana.%20O%20Arquivo%20e%20o%20Repert%C3%B3rio_recorte.pdf Acesso em: 13 set. 2024.